

6

Conclusão: O impasse persiste

O nosso objetivo com este trabalho foi demonstrar que o declínio do lugar social do pai e sua relação com o declínio da lógica fálica, tiveram desdobramentos para o lugar que a mulher ocupa, tanto na sociedade quanto na teoria psicanalítica.

A clínica atual mostra que há no discurso das mulheres um paradoxo, se, por um lado elas se queixam da solidão e afirmam que a felicidade afetiva é muito importante, por outro lado, dizem que só querem compartilhar a vida se for com a pessoa “certa”, e não estão dispostas a fazer muitas concessões neste quesito. Esse paradoxo no nível discursivo só se tornou possível a partir do deslocamento que sofreu o lugar da mulher ao longo da modernidade, deslocamento este que culminou na revolução sexual da década de 60.

Deste modo, fica claro que o sofrimento psíquico com o qual nos deparamos na clínica não pode ser tratado separadamente do contexto histórico e social em que ele se encontra. A nossa pesquisa procurou mostrar quais as construções da teoria analítica a respeito da sexualidade feminina na modernidade e na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que apresentou um estudo entre estes dois momentos históricos. Fomos levados à constatação de que a teoria freudiana sobre a sexualidade feminina afirma, enquanto principal característica desta, a inveja do pênis, alinhando-se, desta forma, ao lugar negativizado que a mulher ocupava no tempo de Freud.

No início da modernidade, vimos que existia uma diferença significativa entre os lugares dos homens e das mulheres, cabendo a estas uma posição geralmente bastante desvalorizada. O que se percebeu, com a democratização dos costumes, foi uma crescente equalização dos papéis sexuais. Esta equalização só foi possível a partir do questionamento do lugar diferenciado do pai. O privilégio do lugar paterno tinha relação direta com o fato de este ser o detentor do falo, uma vez que era este o objeto que conferia valor aos demais. É em decorrência desta

lógica que, quem não possuía o falo - a mulher - estava condenado a um lugar secundário. Procuramos, a partir deste raciocínio, evidenciar a relação entre a lógica fálica e a lógica edípica, E foi nesse sentido que conjugamos essas duas categorias no termo “lógica fálico-edípica”. Concluímos que esta conjugação é legítima, uma vez que, quanto à negativização da posição feminina, elas se equivalem e marcam um período dentro da construção teórica da psicanálise que pudemos delimitar como sendo aquele que diz respeito às elaborações freudianas e ao primeiro ensino de Lacan.

A fragilização do lugar paterno implica numa relativização da importância do falo. Aqueles que ocupavam lugares privilegiados a partir daí, ou seja, o pai e os homens, vão gradativamente perdendo terreno. Uma das consequências disso, como já colocamos, foi a equalização dos papéis sexuais.

Os valores universalistas que sustentavam a lógica fálico-edípica foram cedendo lugar a uma valorização crescente do que é singular. As tradições e os valores herdados passaram por duras críticas e o lugar daquele que os sustentavam foi sendo esvaziado. Com a pesquisa que fizemos a partir do último ensino de Lacan, pudemos perceber que conceitos como o de objeto *a* e o de não-todo foram trabalhando teoricamente esse esvaziamento, na medida em que remetem para um além da lógica fálico-edípica.

O conceito de objeto *a* foi ganhando prevalência na obra de Lacan à medida em que se tornava mais consistente a relativização da importância do falo. Este é o representante dos valores universais, é a “medida de todas as coisas”, já o objeto *a* aponta para o que não pode ser universalizado, ou seja, para o que é próprio a cada um, o que, no limite, torna cada um a medida de todas as coisas.

O conceito de não-todo, por sua vez, foi forjado a partir da prevalência do estatuto do objeto *a* na obra de Lacan. Ele dá conta, em termos teóricos, do esvaziamento da função do pai, além disso, é esse o conceito utilizado por Lacan para se referir à posição feminina, justamente pelo fato de esta ser não-toda referida à função fálica.

A construção destes dois conceitos se, por um lado, contribui para o tratamento teórico-clínico de uma posição feminina que se afasta da inveja do

pênis, por outro lado, não asseguram para os sujeitos recursos para lidar com o mal-estar contemporâneo. A fragilização do lugar do pai que culminou na inconsistência do Outro, traz como consequência o desligamento radical do sujeito de qualquer referencial identificatório. A valorização do que é singular, aliada à inconsistência do Outro, leva às angústias do auto-engendramento.

Quanto à saída apresentada a partir do conceito de *feminilidade*, consideramos válido pensar as diferenças sexuais a partir da “possibilidade de tecer novas diferenças” (Arán 2000, *apud*. Neri, 2002, p. 33), e a partir de uma outra “gramática do erotismo” (Birman, 2001). Entretanto, a construção do conceito de *feminilidade*, por se tratar de uma característica comum tanto a homens quanto a mulheres, não traz consigo algo que seja específico da posição feminina. É preciso atenção neste ponto para não se cair no equívoco de que criticar a visão falocêntrica das diferenças sexuais deve levar a uma diluição dessas diferenças, pois uma “outra *gramática erótica* para a subjetividade” (Birman, 2001, p. 244) fundada na igualdade e na democracia não garante que o mal-estar da diferença sexual seja melhor encaminhado.

As novas formas de sofrimento psíquico têm a ver com o peso de criar soluções únicas e individuais para tentar suprir o desamparo fundamental do ser humano, ao contrário do que acontecia na modernidade, quando o sofrimento psíquico provinha das proibições paternas e do excesso de renúncia pulsional advinda daí. O avanço da feminização da cultura não é suficiente para diferenciar os efeitos negativos dos positivos das transformações que presenciamos na contemporaneidade.